



A Pós-Graduação e o Avanço da História Ambiental na América Latina

Alessandra Izabel de Carvalho ¹

José Augusto Pádua ²

Lise Fernanda Sedrez ³

RESUMO

Os autores introduzem a rica experiência da III Escola de Pós-Graduação em História Ambiental da SOLCHA, ocorrida em outubro de 2017 em Anápolis, GO, que deu origem aos textos deste dossiê. Uma visão geral dos artigos deste número, assim como o detalhamento do processo de seleção, fecha o texto introdutório.

Palavras-Chave: Escola de Pós-Graduação em História Ambiental; SOLCHA; Historiografia Recente.

¹ Doutorado em História pela Universidade Estadual de Campinas, UNICAMP, Brasil. Docente na Universidade Estadual de Ponta Grossa, UEPG, Brasil. ale.marumbi@gmail.com

² Doutorado em Ciência Política (Ciência Política e Sociologia) pelo Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro, IUPERJ, Brasil. Docente na Universidade Federal do Rio de Janeiro, UFRJ, Brasil. jpadua@terra.com.br

³ Doutorado em História pela Stanford University, SU, Estados Unidos da América. Docente na Universidade Federal do Rio de Janeiro, UFRJ, Brasil. lsedrez@gmail.com

Pensar as múltiplas formas de interação entre as pessoas, as outras espécies e o mundo biofísico, mental e cultural que as comporta no tempo e no espaço tem sido um ponto fundamental para os pesquisadores da história ambiental.

História ambiental tem hoje quase quatro décadas de existência. Com um campo de investigação histórica já bem estabelecido e em constante expansão, sobretudo no diálogo com outras áreas de conhecimento, nós pesquisadores buscamos compartilhar e publicizar nossos estudos tanto nos eventos mais gerais da área de história (como, por exemplo, nos simpósios nacionais e estaduais da ANPUH, no Brasil), com também em eventos específicos. Há um duplo movimento, em que, por um lado, procuramos interlocutores entre pares, que aprofundem nossos estudos e fortaleçam a área, e, por outro, construímos pontes de comunicação com áreas mais tradicionais da história, sublinhando a relevância da história ambiental na renovação de disciplinas já bem estruturadas.

A História Ambiental, “como campo historiográfico consciente de si mesmo e crescentemente institucionalizado na academia de diferentes países, começou a estruturar-se no início da década de 1970” (Pádua 2010, 81). O desenvolvimento e consolidação desse campo, no entanto, é uma evidente demonstração da relevância que as questões relacionadas ao fenômeno histórico em que as questões ambientais passaram a ocupar agendas globais. Atualmente, importantes trabalhos versam sobre diferentes espaços geográficos e temporalidades na América Latina (Candiani 2014; Carey 2010; Duarte 2107; McNeill 2010; Soluri et al. 2018; Leal 2017; Leal et al. 2017). No Brasil, a história ambiental esteve muito relacionada ao estudo pioneiro dos processos de desflorestamento das florestas tropicais (Dean 1995; Gerhardt & Nodari 2016; Nodari et al. 2016; Moretto et al. 2014), mas um grupo de novos historiadores tem dado continuidade nas pesquisas, analisando outros biomas e ecossistemas (Franco et al. 2012; Franco et al. 2016)

Há hoje algumas grandes associações internacionais que congregam tais pesquisadores. É o caso da *American Society for Environmental History* (ASEH), da *European Society for Environmental History* (ESEH) e da *Sociedad Latinoamericana y Caribeña de Historia Ambiental* (SOLCHA), todas com encontros regulares bianuais. Em termos de estruturação do campo, há ainda o *International Consortium of Environmental History Organizations* (ICEHO), responsável por organizar os congressos mundiais de história ambiental (WCEH) que acontecem a cada cinco anos. Incidentalmente, reconhecendo a importância da produção brasileira em história ambiental, ICEHO escolheu a cidade de Florianópolis, SC, para sediar o III *World Conference on Environmental History*, em parceria com a Universidade Federal de Santa Catarina.

Oficializada em 2006, mas com encontros sendo realizados desde 2003, a SOLCHA é uma associação compromissada com a produção ética do conhecimento histórico, com a interdisciplinaridade e com a construção de modos coletivos de viver no presente e no futuro mais justos, saudáveis e sustentáveis. A consistência dos valores que norteiam a entidade é verificada sobretudo nos trabalhos de seus pesquisadores associados que, ao longo desses 15 anos, vêm se dedicando para que a escrita da história na América Latina e no Caribe seja cada vez mais sensível e inclusiva em relação à natureza e aos sujeitos humanos e não humanos. É o que se evidencia nos simpósios da SOLCHA, um dos principais fóruns de discussão promovidos pela associação.

Estas associações promovem não somente encontros, fundamentais para o crescimento da disciplina, como também estimulam a criação de projetos que possam oferecer bases visíveis e perenes para a produção de história ambiental. A Biblioteca Online de História Ambiental (BOHA)⁴, vinculada à SOLCHA e desenvolvida sob a coordenação de Lise Sedrez na Universidade Federal do Rio de Janeiro é um destes projetos. Trata-se de um mapeamento do campo da história ambiental, contendo publicações em português, espanhol e inglês. A BOHA dispõe, ainda, de uma base bibliográfica, pesquisável através da base online *Zotero*, como também de base de dados para jornais, revistas, conferências, artigos e os mais recentes temas de pesquisa.

Outro projeto importante da SOLCHA, e um espaço fundamental de debate de pesquisas são as Escolas de Pós-Graduação da SOLCHA. As Escolas visam oportunizar uma discussão mais aprofundada e qualificada dos projetos dos pós-graduandos (mestrandos e doutorandos) selecionados para o evento, e vem crescendo em importância e procura.

A primeira Escola de Pós-Graduação da SOLCHA foi realizada entre 3 e 7 de junho de 2013 na Colômbia. A organização foi partilhada entre a *Universidad de Los Andes* e da *Universidad Nacional de Colombia*. O evento contou com a participação de 23 alunos de mestrado e doutorado de cinco países diferentes da América Latina. Além dos alunos, a Escola contou com a participação de 13 professores, também de vários países, ligados à SOLCHA. A segunda Escola foi realizada entre os dias 23 e 27 de novembro de 2015, na Universidade Estadual do Centro-Oeste, na cidade de Guarapuava/PR. O evento teve a coordenação do professor Jó Klanovicz e apoio do Laboratório de História Ambiental e Gênero daquela instituição.

A terceira Escola de Pós-Graduação aconteceu entre os dias 24 e 27 de outubro de 2017 no Centro Universitário de Anápolis (UniEVANGÉLICA), em Anápolis/GO, e teve como instituições organizadoras o Centro Universitário de Anápolis, a Universidade Estadual de Goiás e a Universidade

⁴ Sobre o BOHA ver o site: <http://boha.historia.ufri.br/index.html>

Federal de Santa Catarina. Após a análise dos projetos submetidos, foram selecionados 22 estudantes de mestrado e doutorado do Brasil, Argentina, Estados Unidos, Uruguai e Chile.

Uma característica chave das Escolas é a participação ativa dos professores debatedores, desde o momento da seleção até a crítica construtiva e criteriosa dos trabalhos. Em Goiás, a *Escuela*, mesmo com uma presença maior de brasileiros, contou com uma diversidade regional importante, pela presença de membros da SOLCHA da Argentina, Colômbia, Cuba e Estados Unidos. Nesse sentido, destacamos a participação dos professores: Adrián Gustavo Zarrilli, *Universidad Nacional de Quilmes* (Argentina); Alessandra Izabel de Carvalho, Universidade Estadual de Ponta Grossa (Brasil); Claudia Leal, *Universidad de Los Andes* (Colômbia); Diogo de Carvalho Cabral, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (Brasil); Dominichi Miranda de Sá, Casa de Oswaldo Cruz/Fiocruz (Brasil); Eunice Sueli Nodari, Universidade Federal de Santa Catarina (Brasil); José Augusto Pádua, Universidade Federal do Rio de Janeiro (Brasil); José Luiz de Andrade Franco, Universidade de Brasília (Brasil); Lise Sedrez, Universidade Federal do Rio de Janeiro (Brasil); Magali Romero Sá, Casa de Oswaldo Cruz/Fiocruz (Brasil); Marina Miraglia, *Universidad Nacional de General Sarmiento* (Argentina); Regina Horta Duarte, Universidade Estadual de Minas Gerais (Brasil); Reinaldo Funes Monzote, *Fundación Antonio Núñez Jiménez de La Naturaleza y el Hombre* (Cuba); Rogério Ribeiro de Oliveira, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (Brasil); Samira Peruchi Moretto, Universidade Federal da Fronteira Sul (Brasil); Sandro Dutra e Silva, Universidade Estadual de Goiás e UniEVANGÉLICA (Brasil); Stephen Bell, *University of California* (EUA). Contamos, ainda, com a participação do Professor Mark Stoll, *Texas Tech University* (EUA), que participou de todo evento e proferiu uma palestra para o grupo participante.

A atividade central da Escola foi a discussão dos textos relativos aos trabalhos que os alunos estão desenvolvendo na Pós-Graduação, os quais foram enviados após o processo seletivo. A apresentação dos trabalhos foi dividida em três grupos de discussão, cada um contando com a participação de 5 a 7 professores. Ou seja, cada um dos textos foi minuciosa e intensivamente debatido, o que significou uma oportunidade rara para os alunos. Eles puderam, assim, ouvir outras leituras e depois, no diálogo com seus respectivos orientadores, assimilar e/ou filtrar as sugestões e as críticas feitas, as quais tiveram como único objetivo colaborar para refinar as análises apresentadas.

A conferência de abertura da Escola coube ao prof. Adrián Gustavo Zarrilli e o tema abordado foi “A História Ambiental na América Latina”. O evento contou ainda com duas atividades de Mesas Redondas, a saber: uma intitulada “Geografia Histórica e História Ambiental” com a participação dos professores Reinaldo Funes e Stephen Bell, coordenada pela prof.^a Lise Sedrez. A outra Mesa Redonda foi intitulada de “Impactos da historiografia ambiental na disciplina histórica na América Latina”,

composta pelos professores Cláudia Leal, Marina Miraglia e Diogo Cabral, e que foi coordenada pela professora Regina Horta Duarte. Essas atividades todas aconteceram no Centro Universitário de Anápolis (UniEVANGÉLICA) e, contando ainda com uma visita à Fazenda Babilônia, um dos principais patrimônios históricos do município de Pirenópolis⁵ e um interessantíssimo exemplo da presença humana secular no bioma.

A inovação da Escola foi uma saída para campo, com pernoite no acampamento El Rancho, em Corumbá de Goiás. Lá o grupo fez uma caminhada/aula pelo Parque Estadual dos Pirineus, sob orientação do professor Alex Solórzano, da PUC-Rio, e pode participar de uma roda de conversa com os professores José Augusto Pádua e Mark Stoll. Na última manhã, ainda houve tempo e fôlego para uma caminhada ao Salto Corumbá, que é uma icônica queda d'água no rio que leva o mesmo nome.

A integração entre professores e alunos foi um dos pontos destacados na terceira Escola de Pós-Graduação da SOLCHA. Alguns depoimentos reforçam a qualidade e a importância dessa atividade desenvolvida pela SOLCHA, como ressaltado pela pesquisadora colombiana Cláudia Leal: *“Muchos de los presentes comentamos que la integración entre profesores y estudiantes fue particularmente bien lograda en esta escuela”*⁶.

Outros pontos foram destacados, como a possibilidade de diálogo entre os diferentes tipos de pesquisas e ambientes, bem como o exercício da interdisciplinaridade. Esse foi um dos pontos destacados pela pesquisadora Regina Horta Duarte, que afirma que “a Escola de SOLCHA aprofundou os objetivos de sua criação, criando uma oportunidade ímpar de encontro e diálogo entre pesquisadores de História Ambiental latino-americana. Dias e noites inesquecíveis, com muito trabalho, diversão e afeto”⁷. Para Rogério Ribeiro de Oliveira “aos poucos a História Ambiental vem mostrando um caminho cada vez mais bem pavimentado: o da interdisciplinaridade e da complementaridade de conhecimentos”⁸.

Os depoimentos dos alunos também foram importantes e destacar diferentes abordagens da Escola de Pós-Graduação realizada em Goiás. Para o estudante de doutorado da Casa de Oswaldo Cruz/FIOCRUZ, Leonardo Lignani, a III Escola da SOLCHA foi uma “ótima possibilidade de pensar

⁵ A Fazenda Babilônia refere-se a uma antiga propriedade escravocrata, que desenvolvia atividades agropecuárias e chegou a ser citada por naturalistas europeus que visitaram a Província de Goiás (Saint-Hilaire 1975). Construída em fins do século XVIII, a Fazenda Babilônia se destaca, hoje, pelo seu imenso valor histórico, preservado durante séculos. Devido a histórica importância a casa e suas dependências foram tombadas como Patrimônio Nacional, pelo IPHAN, e inscrita no Livro de Belas Artes, nº480, em 26/04/1965, conserva o extenso casarão, em estilo colonial e diversos muros de pedras, construídos pelos escravos.

⁶ Cláudia Leal, Universidad de Los Andes, UniAndes, Colombia (depoimento). (Caderno SOLCHA 2017)

⁷ Regina Horta Duarte, Universidade Federal de Minas Gerais, UFMG, Brasil (depoimento). (Caderno SOLCHA 2017, 33)

⁸ Rogério Ribeiro de Oliveira, Pontifícia Universidade Católica, PUC-Rio, Brasil (depoimento). (Caderno SOLCHA 2017, 34)

sobre os rumos das nossas pesquisas e criar novas parcerias para projetos futuros”⁹. O estudante da Universidade da Califórnia, Los Angeles, Samuel Brandt, afirmou que esse evento fortaleceu o seu interesse nos estudos latino-americanos, pois, eventos como esse “*blurs the boundaries between work and play in the best possible way. By organizing the week the way they did, Sandro and company illustrate the importance of the field to history and (human) geography. This ideal combination of landscape and camaraderie justifies why I – as someone with no family connections outside the USA – study South America*”¹⁰. Segundo a estudante de doutorado argentina Aye Dichdji, “*La Tercera Escuela de Posgrado de SOLCHA fue la mejor experiencia académica internacional en la que pude participar. Me interesa resaltar, en primer lugar, la seriedad y el compromiso de todos los profesores involucrados.*”¹¹

Outros depoimentos que destacam diferentes pontos positivos da III Escola da SOLCHA em Goiás podem ser verificados no Caderno (2017), assim como a programação completa do evento. Mas, em resumo, foram três dias de trabalho intenso da terceira Escola de Pós-Graduação da SOLCHA, com sofisticados debates de ordem teórica e metodológica que atualmente circunscrevem o campo da história ambiental na América Latina. Para os alunos e professores que tiveram a honra e o privilégio de participar foi certamente uma experiência ímpar, daquelas inesquecíveis em nossa vida acadêmica, pois além de todo o rigor científico que um evento como esse requer, teve também banho de rio, de cachoeira, caminhadas com aventura, comilança, violada e roda de fogueira! Como dizia a professora Regina Horta em um depoimento gravado em vídeo no IX Simpósio da SOLCHA, na Costa Rica, em julho de 2018, “participar de um simpósio, e agregamos de uma Escola, da SOLCHA é sempre uma experiência acadêmica, de muito debate, muita discussão, mas é também uma experiência afetiva”. Acreditamos que o trabalho sério de pesquisa cimentado com esses laços de afetividade, solidariedade, cooperação e companheirismo faz toda a diferença, e é o que dá vida e significado aos valores da associação.

O DOSSIÊ

O dossiê intitulado *História e Natureza na América Latina* é composto por trabalhos que foram apresentados na III Escola da SOLCHA e também no VIII Simpósio Nacional de Ciência e Meio Ambiente, eventos que ocorreram de forma paralela. Os artigos fazem parte das pesquisas em andamento dos pós-graduandos e refletem as amplas possibilidades de investigação no campo da história ambiental.

⁹ Leonardo Lignani, Casa de Oswaldo Cruz/FIOCRUZ, Fiocruz, Brasil. (Caderno SOLCHA 2017, 37)

¹⁰ Samuel Brandt, University of California, UCLA, Los Angeles – EUA. (Caderno SOLCHA 2017, 40)

¹¹ Aye Dichdji, Universidad Nacional de Quilmes, UNQ, Argentina (depoimento). (Caderno SOLCHA 2017, 31)

A riqueza de temáticas e de abordagens metodológicas presentes nos artigos do dossiê ajuda a visualizar a consistência e a criatividade da produção em história ambiental que hoje se realiza nos cursos de pós-graduação na América Latina. O conjunto dos textos, na verdade, trabalha objetos e perspectivas analíticas que recém estão ganhando espaço na literatura internacional.

As primeiras décadas de historiografia auto identificada como ambiental, após seu estabelecimento acadêmico na década de 1970, foram marcadas pelo foco nos espaços rurais, florestais e costeiros, adotando em geral um viés declencionista, ou seja, uma narrativa centrada na destruição do mundo natural. A história ambiental urbana, no entanto, vem sendo cada vez mais valorizada e está representada no dossiê por três artigos sobre o Rio de Janeiro. A condição de capital do país durante o marco temporal adotado pelos artigos, além de sua localização geográfica singular, abre amplos horizontes de documentação escrita e investigação de campo para leituras histórico-ambientais. Um ponto importante dos três artigos, vale dizer, é não se aprisionar na rígida distinção campo/cidade (muitas vezes também simplificada como uma oposição entre “verde” e “concreto”). Eles mostram que o interior da cidade também é espaço de fluxos ecossistêmicos que se manifestam, por exemplo, nos rios, chuvas, mangues e florestas. No caso da Floresta da Tijuca, estudada em dois artigos, fica claro para o leitor que sua existência possui uma forte historicidade, sendo um híbrido de ação humana e não-humana, um jogo complexo de espécies nativas e exóticas. As construções urbanas, por sua vez, interagem com esses fluxos de águas, solos, plantas e bichos através de movimentos igualmente complexos, que tanto podem criar paisagens de degradação quanto de regeneração ambiental.

As inovações continuam nos dois artigos que fazem a reinterpretação de um espaço rural que já foi bastante explorado em termos historiográficos. Os artigos em questão procuram revisitar o processo de expansão do café e depois da pecuária no Vale do Rio Paraíba do Sul, um objeto clássico da história econômica. Os enfoques adotados pelos textos, porém, abrem novos caminhos de compreensão em relação aos trabalhos anteriores. Eles demonstram o potencial de ampliação da análise histórica que a história ambiental pode proporcionar. Um exemplo é a leitura direta das paisagens, como no caso da metodologia do “índice de circularidade”, que demonstra a possibilidade de a pesquisa histórica ir além da dependência frente aos documentos escritos. O território pode ser lido através das marcas da presença humana na dinâmica das suas paisagens, configurando-se como um “paleoterritório” que revela em si mesmo o mosaico de usos e práticas adotadas em diferentes marcos temporais. Para discutir tanto a expansão do café no século XIX quanto a transição posterior para a pecuária, os dois artigos recorrem a métodos consagrados como a história oral e a pesquisa documental. Ao mesmo tempo, adicionam instrumentos de análise que, no diálogo entre a história, a geografia e a ecologia, mostram-se fecundos e reveladores.

As biografias, um outro tema que vem sendo revisitado na historiografia contemporânea, são exploradas em um dos artigos do dossiê. Na perspectiva de cruzar diferentes dimensões de análise, o que aparece em todos os artigos, um dos textos aproxima biografia individual, história da ciência e história das tecnologias agroquímicas através da trajetória do médico e cientista Waldemar Ferreira de Almeida.

Os dois últimos textos do dossiê, por fim, também apresentam enfoques e temáticas inovadoras. Um dos principais problemas epistemológicos detectados na pesquisa da História Ambiental em diferentes países reside no antagonismo entre uma dimensão que se desenha através de movimentos biofísicos ao longo do tempo – a dimensão do “ambiental” – e o caráter “nacional” da maioria dos documentos e arquivos disponíveis para os historiadores. Historiadores ambientais sublinham, com frequência, que a atmosfera, os oceanos e os movimentos dos animais não humanos, para não falar dos grandes biomas regionais e planetários, não têm compromisso com as fronteiras nacionais e suas respectivas aduanas. O artigo sobre as pragas dos gafanhotos no sul do continente sul-americano procura pensar o fenômeno exatamente em uma perspectiva supranacional, com a região que constitui o marco geográfico do estudo sendo definida não pelos tratados entre governos, mas sim pelos movimentos dos próprios gafanhotos. A riqueza da contracultura latino-americana, por outro lado, também vem sendo descoberta pela literatura internacional de estudos culturais, após décadas de obsessão quase exclusiva com a arte e as publicações geradas pela contracultura norte-americana e europeia a partir da década de 1960. O artigo sobre o caso argentino dá um passo ainda mais inovador ao discutir os laços concretos entre a contracultura e o nascimento do ambientalismo contemporâneo, uma linha de análise ainda pouco explorada nos trabalhos sobre a história do ambientalismo em vários continentes.

Essa breve resenha não faz justiça ao conteúdo dos artigos, que merecem ser lidos na sua totalidade e discutidos em aulas de história ambiental nas universidades da América Latina. O objetivo, no marco de uma introdução geral ao dossiê, foi apenas o de chamar atenção para o caráter sólido, coerente, criativo e inovador do material produzido pela nova geração de historiadores ambientais latino-americanos. Uma qualidade que reflete a excelência acadêmica e a interação social positiva que pode ser observada em todas as iniciativas realizadas no âmbito da SOLCHA.

FONTES

BOHA [base de dados na internet]. Biblioteca Online de História Ambiental (BOHA), Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. [atualização 2014; citado nov 2018]. Disponível em: <http://boha.historia.ufrj.br/index.html>.

Caderno SOLCHA [base de dados na internet]. III Escuela de Posgrados da Sociedad Latinoamericana y Caribeña de Historia Ambiental, Repositório Institucional UniEVANGÉLICA, Anápolis, Goiás. [atualização out 2017; citado nov 2018]. Disponível em: <http://repositorio.aee.edu.br/handle/aee/810>.

REFERÊNCIAS

Candiani VS 2014. *Dreaming of Dry Land: Environmental Transformation in Colonial Mexico City*. Stanford University Press, Stanford, California

Carey M 2010. *In the Shadow of Melting Glaciers: Climate Change and Andean Society*. Oxford University Press, Oxford, United Kingdom

Dean W 1995. *With broadax and firebrand: the destruction of the Brazilian Atlantic Forest*. University of California Press Berkeley, Los Angeles, London

Duarte RH 2007. *Activist Biology: The National Museum, Politics, and Nation Building in Brazil*. The University of Arizona Press, Tucson, AZ

Franco JLA, Dutra e Silva S, Tavares GG, Drumond JA 2012. *História Ambiental: fronteiras, recursos naturais e conservação da natureza*. Garamond, Rio de Janeiro

Franco JLA, Dutra e Silva S, Tavares GG, Drumond JA 2016. *História Ambiental: territórios, fronteiras e biodiversidade*. Garamond, Rio de Janeiro

Gerhardt M, Nodari ES 2016. Patrimônio Ambiental, História e Biodiversidade. *Fronteiras: Journal of Social, Technological and Environmental Science* 5(3):54-71. Disponível em: <https://doi.org/10.21664/2238-8869.2016v5i3.p54-71>.

Leal C 2017. Tras Bambalinas y a Plena Luz del Día: La creación de parques nacionales en Colombia en las décadas de 1960 y 1970. *Fronteiras: Journal of Social, Technological and Environmental Science* 6(2):19-46. Disponível em: <https://doi.org/10.21664/2238-8869.2017v6i2.p19-46>.

Leal C, Cabral DC, Miraglia M, Oliveira RR 2017. Territórios e Paisagens na América Latina. *Fronteiras: Journal of Social, Technological and Environmental Science* 6(1):12-21. Disponível em: <https://doi.org/10.21664/2238-8869.2017v6i1.p12-21>.

McNeill J 2010. *Mosquito Empires: Ecology and War in the Greater Caribbean, 1620–1914*. Cambridge University Press, Cambridge

Moretto SP, Nodari ES, Nodari RO 2014. A Introdução e os Usos da Feijoa ou Goiabeira Serrana (*Acca sellowiana*): A perspectiva da história ambiental. *Fronteiras: Journal of Social, Technological and Environmental Science* 3(2):67-79. Disponível em: <https://doi.org/10.21664/2238-8869.2014v3i2.p67-79>.

Nodari RO, Nodari ES, Franco JLA 2016. Uso e Conservação da Biodiversidade: as duas faces da moeda. *Fronteiras: Journal of Social, Technological and Environmental Science* 5(3):11-16. Disponível em: <https://doi.org/10.21664/2238-8869.2016v5i3.p11-16>.

Pádua JA 2010. As bases teóricas da história ambiental. *Estudos Avançados* 24(68):81-101. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-40142010000100009>.

Saint-Hilaire A 1975. *Viagem à Província de Goiás*. Ed. Itatiaia; Editora da Universidade de São Paulo, Belo Horizonte, São Paulo

Soluri J, Leal C, Pádua JA 2018. *A Living Past: Environmental Histories of Modern Latin America*. Berghahn Books, New York

Graduate Studies and the Advancement of Environmental History in Latin America

ABSTRACT

The authors introduce the rich experience of the III SOLCHA Graduate School on Environmental History, which took place in October 2017, in Anápolis, GO. This introduction ends with a brief overview of this issue's articles, as well as a description of the selecting process.

Keywords: Graduate School on Environmental History; SOLCHA; Recent Historiography.